

IGREJA METODISTA

Colégio Episcopal

PASTORAL DA FAMÍLIA

OBS:

NOTA DA EDIÇÃO ONLINE DA PASTORAL DA FAMÍLIA.

Antes de publicarmos o texto original da Pastoral da Família, escrita pelos Bispos Metodistas no longínquo ano de 1979, queremos reconhecer que esse texto precisa de uma ampla e urgente revisão, pois além das informações e dados serem desatualizados, a própria análise pastoral do texto bíblico, sobretudo o que aborda a relação de marido e mulher (Capítulo III letra C - Estrutura Familiar na Perspectiva Bíblica) precisa ser revista.

Após o texto da Pastoral, há o texto um texto do Bispo Paulo Lockmann sobre a relação de marido e mulher a partir de Efésios 5:21-22 e um outro sobre o mesmo assunto escrito pelo Pr. Ronan Boechat de Amorim. Há ainda a cópia da capa e da página 724 do livro Novo Testamento Interlinear Grego-Português, publicado em 2004 pela Sociedade Bíblica do Brasil, com o texto de Efésios 5:21-22 tanto no grego quanto no português, confirmando a análise e interpretação feitas pelo Bispo Paulo Lockmann e pelo Pr. Ronan sobre a relação homem e mulher a partir desse texto.

IGREJA METODISTA
Colégio Episcopal
PASTORAL
DA
FAMÍLIA

Departamento de Editoração da Imprensa Metodista

Outubro de 1979

ORIENTAÇÃO NORMATIVA PARA O ESTUDO DA PASTORAL DA FAMÍLIA

● *A Pastoral da Família, apresentada à Igreja pelo Colégio Episcopal, visa divulgar o posicionamento pastoral dos Bispos com respeito a este tema.*

● *Ela se destina às igrejas, pastores e membros, com o objetivo de ser conhecida, estudada, analisada e debatida.*

● *Os pastores, primeiramente, deverão tomar conhecimento do seu conteúdo, através de reuniões distritais e regionais, programadas pelos Superintendentes Distritais e Conselho Regional.*

● *Os pastores estudarão a pastoral com grupos de oficiais da igreja local, através de reuniões especiais, debatendo os temas constantes da Pastoral da Família.*

● *Os membros da Igreja serão informados e tomarão conhecimento da Pastoral através do EXPOSITO CRISTÃO e da distribuição de exemplares avulsos. Os pastores deverão criar condições pedagógicas apropriadas visando ao estudo da Pastoral nas igrejas locais, usando o púlpito, o boletim e reuniões especiais de estudo em grupo. Membros da igreja poderão ser divididos em grupos, sob a liderança de um leigo, e estudarem os temas da pastoral em ocasiões especiais, no meio da semana ou no domingo.*

● *Para facilitar estes estudos seria bom que a Pastoral fosse analisada seguindo a divisão dos tópicos e subtópicos como se segue:*

I – A Família no mundo de hoje

II – A Família do Ponto de Vista de Deus

a. A família no Plano da Criação

b. A presença de Deus no Casamento e na Família

c. A estrutura familiar na perspectiva bíblica

O marido

A esposa

Os filhos

O princípio bíblico para o relacionamento familiar

A família como centro de apoio, serviço, lazer e evangelização.

III – Sexualidade e Matrimônio

IV – A Igreja no Ministério da Unidade da Família

V – A família em Crise e a Igreja

** Desajustamentos na família. Uniões ilícitas. Divórcio.*

VI – Normativas para a Celebração do Rito do Matrimônio

VII – Conclusão

● *Os grupos societários das igrejas locais deverão programar reuniões especiais para estudo. Nas Regiões Eclesiásticas esta Pastoral deverá ser objeto de estudos em Congressos e Encontros programados pelas Federações. Em âmbito geral, o mesmo deverá ocorrer.*

● *Na área da Escola Dominical, estamos enviando pedido ao setor de Editoração para que prepare uma Unidade Especial destinada à Família, a ser estudada como preparativo para comemoração do mês do lar em 1980, cujos temas seriam os desenvolvidos pela Pastoral da Família.*

● *Na programação da igreja local destinada à Família e Comunidade, objetivando o ano de 1980, o conteúdo, os desafios e as colocações desta Pastoral deverão nortear esta programação.*

● *As igrejas locais, Distritos e Regiões, bem como a Igreja na área Geral, através de pastores, membros, órgãos e instituições, deverão criar canais que possibilitem o cumprimento de regulamentações e objetivos propostos nesta Pastoral.*

PASTORAL DA FAMÍLIA

PASTORAL DA FAMÍLIA

Nós, os Bispos da Igreja Metodista apresentamos à Igreja esta pastoral, cujo centro de sua preocupação é a família. Como Igreja somos chamados a dar prioridade ao *Ministério da Unidade da Família*, no meio de um mundo de tensões, divisões, contestação dos valores éticos e morais vigentes e de ruptura da unidade familiar. A Igreja é conclamada por Deus e pelas necessidades humanas, a desenvolver um ministério, cujo centro não seja apenas o indivíduo, mas os núcleos comunitários onde ele vive, destacando-se aqui a *família*. (Credo Social, cap. III. Da Ordem Política, Social e Econômica). A Igreja deve ser despertada e ca-

pacitada, através da multiplicidade de seus ministérios, a desenvolver esta missão reconciliadora pessoal e comunitária, tornando-se neste sentido, um instrumento de reconciliação e renovação da vivência familiar.

O Plano Quadrienal, aprovado pelo Concílio Geral de 1978, reunido em Piracicaba, ao fazer a apresentação do seu Tema afirma que: "a vivência da família nos dias de hoje deve ser a nossa constante preocupação". A renovação da família como núcleo de vivência, formação e testemunhos cristãos é um dos objetivos colocados diante da Igreja, pelo Plano Quadrienal.

I - A Família no Mundo de Hoje

Ao examinarmos a vivência da família, nos dias de hoje, não podemos fazê-lo isoladamente, sem considerá-la como parte de todo o complexo social em que o ser humano vive. A família é tanto *sujeito* como *objeto* dos fenômenos sociais, isto é, ela tanto age no complexo social como recebe a sua influência.

Vivemos num mundo de rápidas e profundas transformações, onde as normas, os valores e os princípios básicos da vida são constantemente mudados. Um clima constante de tensão; de crises institucionais; de desajustes e distorções mentais, psicológicas, econômicas, políticas e sociais, existe no ambiente onde a família se desenvolve.

A família, bem como todos os demais agrupamentos sociais, tem sofrido os impactos dessas mudanças, e não somente isso, tem sido afetada

diretamente por eles, vendo questionadas a sua estabilidade e unidade. Na tentativa de se adaptar à nova realidade social, desde há muito tempo vive a família dias difíceis onde a tensão e o desequilíbrio têm sido suas características.

O mundo de hoje apresenta uma variedade enorme de posicionamentos, valores, ideologias, comportamentos e ideais — é um mundo pluralista. Com o avanço das comunicações tem havido um intercâmbio contínuo destes valores e posicionamentos, produzindo um constante questionamento dos valores sobre os quais se fundamentava a vida, no passado, principalmente os da família.

Como cristãos, não podemos ignorar toda essa realidade, ao contrário, temos que estar plenamente conscientes dela para podermos cumprir a

nossa missão de ser a luz, o sal e o fermento divinos no meio de toda essa "treva". Deus nos *chama* e nos *envia* a testemunhar e a revelar o seu propósito redentor para a vivência social, incluindo a família, levando aos homens os *sinais* sustentadores e reconciliadores do seu amor e da Sua Graça. No meio de um mundo com valores múltiplos, os cristãos, pessoal e comunitariamente, tornam-se sinais do Reino de Deus.

Se a conjuntura atual tem provocado tensões e desajustes na vida familiar, não podemos, como Igreja, nos silenciar. Ao contrário, somos chamados, no meio desta realidade, e expressar nossas convicções, nossas preocupações, nossas percepções e juízos, e a proclamar ao ser humano e suas instituições, o poder da Graça redentora de Cristo.

Estamos conscientes dos múltiplos fatores que têm atuado diretamente sobre a vida familiar: as constantes tensões provocadas pela situação econômica, política e social; os aspectos pessoais e sociais presentes na vivência dos indivíduos; as condições mentais, emocionais e psicológicas afetando o lar; a quebra dos valores éticos, morais e religiosos, que são básicos à sustentação da vida; as mudanças de comportamento e de modo de ser do homem e da mulher... e tudo o mais que participa desse complexo de fatores que afetam a vida em sua essência.

A análise rápida da família, sua natureza, seus constituintes e seu papel nos ajudará a compreender a sua atual situação.

A família brasileira tradicional é fruto de uma sociedade rural, onde sobressai a dominância de uma liderança patriarcal — o pai exercendo poder sobre todos.

No passado a família exerceu dominadora influência sobre todas as dimensões da vida social, tais como: educação, trabalho, religião, convívio

social, lazer, e que hoje foram assumidas por instituições especializadas, levando seus membros a deixarem de centralizar sua vivência no lar para desenvolvê-la em grande medida, fora dele. A partir daqui a família deixou de ser o único centro formativo, por excelência. No processo de urbanização, o lar é substituído pela fábrica, pelo escritório, pela escola e pelos agrupamentos humanos de toda espécie, inclusive os religiosos, surgidos como respostas às necessidades pessoais, econômicas, educacionais, sociais, recreativas e religiosas do ser humano.

Diante dessa multiplicidade de fatores, os pais perderam o controle educador sobre seus filhos, tornando a comunicação entre os membros da família restrita a poucos momentos de convivência familiar, provocando uma grande distância no relacionamento interpessoal do lar.

As tensões da vida moderna têm provocado desequilíbrios, desvios de personalidade, insegurança, desajustamentos mentais, emocionais e psicológicos, os mais diversos, tornando tudo isto empecilhos para o relacionamento interpessoal. Valores éticos, religiosos e morais têm sido substituídos por outros mais imediatos, levando as pessoas a uma vida individualista e egocêntrica, onde a realização pessoal, o posicionamento social, os bens e o prazer, tornam-se dominantes, impedindo assim, uma vivência de cunho mais comunitário.

A compreensão do relacionamento sexual visto apenas como fonte de prazer tem provocado crises e desajustes na vida conjugal. Ao mesmo tempo em que tabus são quebrados, mitos são destruídos, há também uma quebra dos valores éticos básicos para a sustentação desse relacionamento.

Por outro lado, a mulher passou a reivindicar para si tratamento diferente, rejeitando ser um "mero objeto de uso" para reconquistar sua digni-

dade de pessoa humana. Devido a fatores pessoais, sociais e econômicos, a mulher passou a ocupar um novo lugar na sociedade. Esta nova colocação da mulher fez com que o vínculo matrimonial deixasse de ser meramente biológico e funcional, para ser interpessoal. A mulher não se considera mais somente geradora de filhos e executora das tarefas domésticas, mas passou a ser “pessoa”, companheira, parte ativa no processo social, compartilhando com o marido das responsabilidades de formação, direção e sustentação da família. Todos estes fatores têm levado a mulher a buscar sua plena realização fora do lar.

A Igreja Metodista afirma que a família “expressa exigências fundamentais da criação divina” (Credo Social, Cap. 5 nº 6). Consideramos o núcleo familiar parte do propósito divino para o homem e a sociedade. Reconhecemos que a família está sujeita a transformações. Temos que analisar e compreender essas transformações para poder orientar e ajudar a família a se readaptar e cumprir suas

funções nos dias de hoje. Cremos que a família não está num processo de dissolução, mas sim de transformação. Compreender e aceitar este fato à luz da Palavra de Deus, de sua revelação natural e histórica e à luz da realidade humana pessoal e social, *é tarefa da Igreja.*

Como Igreja o que nos cabe não é retornar a um estilo de família tradicional, mas sim, analisar dentro da realidade atual, a vivência familiar e ajudar a família a viver, em todos os seus relacionamentos, à luz dos valores e princípios do Reino de Deus.

Cumpre-nos reconhecer que, a superação da crise atual da família, implica também agir de forma criativa e dinâmica em tudo aquilo que tem afetado a vivência familiar.

A Igreja visando a “Unidade da Família” deve atuar tanto na família como na própria Sociedade, sendo um instrumento de comunhão, reconciliação e amor, como também, um veículo de transformação social, à luz dos princípios do Reino de Deus.

II - A Família do Ponto de Vista de Deus

a. A Família no Plano da Criação

A família faz parte do plano da Criação Divina, sendo uma das ordens naturais estabelecidas por Deus.

Ao estudarmos a Palavra de Deus vemos, logo de início, que o matrimônio e a família decorrem da realidade criadora de Deus. Gênesis 1.28-36 e 2.18-25, narram a criação do Homem afirmando que "homem e mulher os criou". No final de sua obra criadora "viu Deus que tudo quanto houvera criado era bom". A criação do homem e da mulher, bem como a de todas as demais coisas, são anteriores ao pecado.

Ao lermos o texto bíblico, verificamos que o casamento não é algo acidental na criação, mas sim essencial. O ser humano não pode ser ele mesmo, se não for homem e mulher, sendo ambos feitos um para o outro, completando-se numa vivência de inter-relacionamento, comunhão, amor e serviço.

A Bíblia ensina que o homem só, não é completo. Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só. Far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea" Gn 2.18-25. É por este motivo que o homem deixará seu pai e sua mãe, unindo-se a sua mulher, tornando-se os dois, uma só carne. O matrimônio é um chamado divino para que homem e mulher deixem a sua solidão e passem a viver em comunhão.

Deus criou o vínculo entre o homem e a mulher com o objetivo de uma vida de comunhão, numa convivência de amor e serviço, num propósito de procriação e educação. É no ambiente de harmonia, solidariedade e companheirismo que surgem e se desenvolvem os filhos.

A instituição da família está fundamentada na união do homem e da mulher constituindo-se os dois numa só carne. Homem e mulher são feitos um para o outro, ambos se complementam.

O casamento é dádiva divina, sendo o reflexo do propósito de Deus que ao criar o Homem o fez para uma vida de comunhão e não de isolamento e solidão.

Uma das afirmativas básicas a respeito do caráter de Deus é que Ele é "amor". O casamento alcança seu pleno sentido no amor de Deus sendo ele uma expressão desse amor derramado na mente, no coração e na vontade do Homem, levando-o a comunhão e compartilhar a vida com outro ser.

Reconhecer o casamento como instituição divina significa admitir-se que o vínculo matrimonial envolve em si grande responsabilidade, pois é no pacto do casamento, fundamentado no amor, que se estabelecem os votos de fidelidade. Fidelidade que leva o casal a um triplice compromisso: um com o outro, com Deus e com a Sociedade.

Embora o casamento seja motivado pelo amor, a sua estabilidade se fundamenta na "fidelidade" como reflexo da fidelidade de Deus. Mesmo que o amor seja elemento essencial no casamento, a união matrimonial se estabelece além dos aspectos emocionais e subjetivos entre duas pessoas. O matrimônio não é questão de "sentir-se unido", mas de se reconhecer que esta união é um fato real e existencial, estabelecido pela ordem divina e que propicia relacionamentos em todos os níveis pessoais e interpessoais. Tanto no Antigo Testa-

mento como no Novo, o casamento é visto como uma união permanente e vitalícia. A monogamia é resultado do profundo conceito bíblico a respeito da dignidade feminina, onde se fundamenta a igualdade de ser e de direitos, entre o homem e a mulher. A poligamia, bem como a poliandria, tornam-se expressões de desigualdade entre os dois.

No Novo Testamento, tanto Jesus como Paulo, citam basicamente os textos de Gênesis ao se referirem à instituição do casamento. Jesus acrescenta a este conceito: “O que Deus uniu, não separe o homem” – Mt 19.6.

Em suas parábolas e mensagens, as imagens da vivência familiar estão presentes. O significado da família era tão importante para Ele, que ampliou o conceito de família, fazendo-o transcender aos laços sanguíneos – Mt 12.46-50.

Paulo também valorizou a vida matrimonial e familiar. Muitas de suas mensagens são dirigidas aos esposos, pais e filhos. O relacionamento entre o esposo e a esposa é visto, por ele, a partir do relacionamento entre Cristo e sua Igreja.

Analisando o casamento, pode-se dizer que ele revela em si, a correspondência e a satisfação de necessidades básicas do ser humano. Homem e mulher necessitam um do outro não apenas do ponto de vista sexual, mas total, onde um complementa a existência do outro, correspondendo às necessidades físicas, psicológicas, morais, sociais e espirituais.

Neste sentido de correspondência e complementação de necessidades humanas, é a família o núcleo básico para a formação e desenvolvimento da criança e do adolescente.

O Antigo e o Novo Testamento testificam a respeito da importância da família na vida das pessoas e da sociedade. Seu papel vai além da função meramente procriadora, sendo uma comunidade de apoio mútuo, amor, comunhão, formação e serviço, atin-

gindo assim funções educadoras, socializadoras e integradoras das pessoas na sociedade. Mesmo que a Igreja, no decorrer dos séculos, tenha assumido algumas funções da família, ela nunca as deixou de lado em suas responsabilidades e nem a minimiza. No ambiente social, nada há que possa substituir a família – nem a escola, nem o governo, nem a igreja ou outra instituição da comunidade. Todos esses são valiosos complementos com o objetivo de desenvolver e consolidar as tarefas e responsabilidades da família, mas nunca seus substitutos.

A partir dos conceitos bíblicos a respeito da família e da vida matrimonial chegamos à conclusão de que o desejo divino para o homem e a mulher é o da formação de um vínculo pessoal e matrimonial que seja permanente. A realização mútua de duas pessoas se torna possível num matrimônio que permaneça, a despeito das lutas e dos dramas. Mesmo que o amor seja um dos elementos essenciais no matrimônio, é a fidelidade que, do ponto de vista ético, garante a permanência do casamento, sendo ela necessária para a preservação do amor, da confiança, da segurança e do sentido de complementação existente no casal. Tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento vêem um caráter de indissolubilidade no casamento. Qualquer posicionamento que difira desta realidade é sempre um sinal trágico do pecado. Somente na perspectiva do perdão, da reconciliação e da redenção em Cristo que passam a surgir novas aberturas para a vivência matrimonial.

b. A Presença de Deus no Casamento e na Família

Diz a Palavra de Deus: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” Sl 127.1. Tudo será inútil, se Deus não estiver edificando a família com Sua presença, Graça, Dons e Bênção. A família precisa ser edificada sobre a Rocha, onde Cristo é

a base, e não sobre a areia, onde a vontade humana é o seu único sustento – Mt 7.24-27.

Mesmo que não encaremos o matrimônio como sacramento, é fundamental reconhecer que sem a presença da Graça divina e do Seu amor, derramado nas mentes e nos corações do casal, o matrimônio fica limitado quanto às suas finalidades e recursos. A presença de Deus no casamento é fundamental para mantê-lo em seu propósito e dar-lhe condições de sobrevivência.

Cristo com sua presença nas bodas de Caná da Galiléia demonstrou o interesse de Deus pela vida familiar e a Sua disponibilidade em participar da totalidade da vida humana, concedendo ao homem e mulher a Graça sustentadora e redentora de seu amor. É esta presença de Deus na vida da família que possibilita a quebra do individualismo, a eliminação do egocentrismo e cria condições para uma vivência em companheirismo. O espírito de compreensão, amor, tolerância, perdão e reconciliação encontrados em Cristo, são fundamentais para a vivência familiar – Ef 2.14-16; 4.32-5.1; Cl 3.12-15.

O Salmo 128 afirma que “São felizes os que temem ao Senhor e andam nos seus caminhos”. Todas as promessas desta bem-aventurança caem sobre a família, esposo, esposa e filhos. É no temor reverente, afetivo e amoroso para com o Senhor e na fé obediente, que alcançamos, como família, as bênçãos oriundas da presença de Deus.

Além dos recursos divinos, a família carece da participação consciente, responsável, amorosa e fiel de todos os seus membros. É através da mútua cooperação que os vínculos de comunhão e unidade se estabelecem.

Hoje em dia, a família dispõe de condições pessoais e sociais que apoiam em sua vivência. As contribuições das ciências humanas e sociais são recursos auxiliares importantes

para a vivência familiar. Toda a colaboração pessoal e social é importante para auxiliar a família na busca do seu sentido e no desenvolvimento de sua vivência e propósito. A Igreja, o apoio pessoal e familiar, os conhecimentos e as conquistas das ciências humanas e sociais, as mudanças estruturais da sociedade, levam a família a receber apoio e cooperação fora de si, com o objetivo de auxiliá-la em sua manutenção e desenvolvimento.

Todos os recursos concedidos por Deus, oriundos do esforço e cooperação de seus membros, presentes no meio ambiente social em que vive, visam não apenas à sobrevivência da família, mas à capacitação da mesma para tornar-se um instrumento de preservação e de mudança social. Ela existe para servir e não viver isolada e fechada em si mesma.

c. A Estrutura Familiar na Perspectiva Bíblica

A família na perspectiva bíblica é uma comunidade solidária constituindo-se numa unidade cooperativa, onde pai, mãe, filhos e demais membros compartilham direitos, deveres, privilégios e responsabilidades. A dimensão comunitária pai, mãe e filhos subsiste numa esfera de amor.

A vivência familiar harmoniosa não significará perda de individualidade. Todos os membros devem ser aceitos, compreendidos e respeitados dentro dela. Cada um deve desenvolver, expressar e aperfeiçoar a sua individualidade, mantendo, ao mesmo tempo, um relacionamento interpessoal, que possibilita a aceitação do outro e a convivência em respeito, amor e serviço. Isto sempre a partir da realidade, necessidade, interesse e capacidade de cada um dos seus membros.

Para que haja harmonia na família é necessário que cada um de seus

membros ocupe seu lugar e cumpra seu papel. Ao criar o homem e a mulher, Deus concedeu certas atribuições e papéis a cada um. Há responsabilidades que são mútuas, outras porém, são específicas.

O marido: A bíblia vê o marido como cabeça da família, que assume responsabilidades de cuidado, serviço, apoio e sustentação dos seus membros.

O marido tem a responsabilidade de assumir a direção da vida familiar, ao lado da esposa e dos filhos. Ele depende dos outros membros do lar, mas é ele que tem em mente a configuração total da vida familiar, de suas necessidades, seus objetivos, suas aspirações e realizações. O assumir desta liderança é uma forma de expressão da união, do amor e da comunhão existentes no casal e no relacionamento entre os membros da família.

Paulo em sua carta aos Efésios – 5.22-33 – fala a respeito do marido como o cabeça da mulher. Na visão paulina um sempre é o cabeça: Deus é o cabeça do homem e o homem é o cabeça da mulher. É justamente sob o senhorio de Deus que o homem desempenha a sua função no âmbito familiar.

A imagem do marido como “cabeça” da mulher é vista a partir de Cristo – esposo e cabeça da Igreja. Semelhantemente a Cristo, que como cabeça serve a Igreja, o marido, como cabeça da mulher, é também aquele que cuida, protege e serve a sua esposa. Sua autoridade é exercida em amor e serviço que se expressa na doação de si mesmo e na capacidade em se sacrificar por ela. No desempenho desta autoridade o marido procura a edificação, o crescimento e a realização da esposa e de todo o corpo da família. Se Cristo viveu em favor da Igreja, esta relação de Cristo para com a Igreja “tipifica” a relação matrimonial, onde o marido ministra em favor da esposa e da família e por eles dá a vida. Sendo o cabeça, ele ama, cuida, protege, respeita, dirige, sustenta e

assume as responsabilidades decorrentes de sua autoridade, no espírito de serviço. Vendo a esposa como pessoa, com seus direitos e liberdade e não alguém como que inferior ao homem ou tampouco superior, é que o homem desenvolverá a sua liderança.

Neste contexto podemos afirmar, também, que a falta de definição de uma liderança no seio da família tem produzido indecisões, discórdias, desuniões, conflitos e quebra de unidade, pois onde não existe um “cabeça” que dirige, a tendência é a desagregação. É claro que essa liderança não é impositiva, mas efetivada no companheirismo, no respeito mútuo e na colaboração da esposa e de todos os membros da família.

A esposa: A esposa é companheira e auxiliadora. Ela está associada ao seu esposo no cumprimento de suas funções de cabeça. Está submissa a ele no sentido de aceitar e respeitar a autoridade do esposo – uma autoridade fruto do amor e do serviço e não de imposição. Juntos cooperam um com o outro, assumem responsabilidades comuns. Quanto mais estão juntos, mais convivem, mais se entendem, mais claro e firme se torna o seu plano de ação. Nesse relacionamento há de existir o clima de lealdade, boa vontade, confiança e plena compreensão. Com esse clima é que as decisões são tomadas em conjunto e sempre num espírito de respeito, amor e serviço.

Não é apenas no texto de Efésios que temos a imagem da autoridade do marido e submissão da esposa. Em Colossenses 3.18 e I Pedro 3.1 encontramos o reflexo desta mesma imagem.

O termo *submeter-se* aqui não é entendido como submissão servil, impessoal. Significa uma atitude de respeito, aceitação de autoridade, sem contudo se despersonalizar. Esta relação de submissão somente terá sentido num ambiente de amor, confiança, boa vontade, respeito mútuo, amizade, aceitação mútua e serviço. A submissão voluntária e amorosa não tira da mulher a sua individualidade e nem a

sua liberdade. É no “amor” tipificado em I Coríntios 13, que este relacionamento se desenvolve, bem como todos os demais relacionamentos existentes na família.

Paulo afirma “Este amor...não perde a paciência com facilidade... procura um modo de ser construtivo...não é dominador...tem boas maneiras ao se expressar...não procura tirar vantagens pessoais...não se melindra facilmente...alegra-se com tudo o que é justo e bom...e está disposto a sofrer por tudo...É um amor cheio de confiança...que não se desvanece na esperança...sobrevive a tudo, mesmo quando tudo o mais tenha acabado...é um amor sem limites”.

A mulher e o homem se complementam, através de papéis e funções específicas e comuns. Ambos assumem a responsabilidade da maternidade e paternidade. A união “homem-mulher” no sentido de “uma só carne” sugere trabalho em conjunto, responsabilidade mútua, ainda que ambos mantenham sua identidade e liberdade pessoais.

Apresentamos aqui nossa palavra de reconhecimento e incentivo às esposas que por diversos motivos – incapacidade física, mental, emocional e outras do esposo, problemas diversos, casamentos mistos ou conversão posterior ao casamento – têm assumido a liderança no seio da família, tendo sobre si as responsabilidades e atribuições do esposo. Esposas que vivem, no mais amplo sentido de expressão, um relacionamento matrimonial e familiar de “jugo desigual” e que estão conscientes do espírito e sentido do que significa ter Cristo como Salvador e Senhor da vida. Essas esposas têm levado através da fé, da obediência, do amor e do serviço, o seu próprio fardo e o fardo da ausência física, moral, econômica, social, psicológica e espiritual do seu esposo. Possam essas esposas desenvolver as atribuições de liderança, na

força e no espírito do Senhor e sem dominar e despersonalizar seu esposo e filhos.

Da mesma forma que apresentamos o nosso reconhecimento e encorajamento àquelas que são viúvas ou foram abandonadas por seus maridos e que assumem as funções destes na vivência do lar.

Possam todas essas esposas receberem dos filhos, dos parentes, da Igreja e da comunidade, compreensão, apoio e ajuda efetiva, para com isto poderem cumprir com suas responsabilidades.

Os filhos: O ambiente familiar sadio é muito importante para o crescimento e educação dos filhos. O espírito de amor, aceitação, reconhecimento mútuo, respeito, confiança, companheirismo, liberdade e serviço caracteriza este ambiente. A interação e o ajuste dos pais, sua vivência em comum e as formas de relacionamento interpessoais refletem positiva ou negativamente nos filhos. Os filhos têm necessidade de crescer num ambiente de afeto, respeito, confiança e segurança. Ser amado, desejado e querido é fundamental para a criança crescer de forma amadurecida.

Aos pais cabe a tarefa de formar e educar os filhos. A educação é um processo formativo, que inclui não apenas palavras, mas acima de tudo, vivência e experiência. É através de palavras, atitudes, acontecimentos da vida, exemplos, momentos de tensão, formas de enfrentar adequadamente a realidade, que ensinamos e aprendemos. A educação é um processo contínuo e dinâmico de formação, construção e reconstrução de conceitos, sentimentos, atitudes, valores, relacionamentos e comportamentos.

O princípio bíblico “Educa a criança no caminho em que deve andar e quando for velho não se desviará dele” – Pv 22.6, define bem a responsabilidade da família na educação e o alcance da mesma. A Bíblia reconhece

na família a tarefa e responsabilidade educativa e formativa, responsabilidade esta não apenas religiosa, mas total. A família é considerada por ela como um centro de adoração, de formação e educação religiosa. Todavia este sentido religioso nunca é entendido como algo desligado da totalidade da vida. Ao contrário, a presença de Deus na vida afeta e define a vida da pessoa como um todo e todos os seus relacionamentos. A família é sempre vista como um local de adoração, crescimento na fé, vivência da fé e expressão de serviço amoroso e cristão.

Ao desempenharem as funções educadora e sustentadora, os pais assumem responsabilidades não apenas materiais. Devem prover os filhos de recursos que venham atender suas necessidades globais; físicas, mentais, emocionais, afetivas, sociais, religiosas, econômicas e outras. Ensinar os filhos a viver, proporcionar condições de desenvolver suas personalidades e servir à comunidade são algumas das tarefas presentes na vida da família.

A paternidade assumida pelos pais os leva a um posicionamento de guias, orientadores, sustentadores e disciplinadores. Deus confere aos pais a responsabilidade de educar, orientar, apoiar e disciplinar. “Criaí-os na disciplina e na admoestação do Senhor” – Ef 6.4 – é um princípio divino de responsabilidade paterna, pois os filhos são criados para o Senhor.

Aos filhos cabe acatar e respeitar a autoridade dos pais. A obediência aos pais é um princípio e mandamento do Senhor. Paulo afirma: “Filhos, obedeci a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra” – Ef 6.1-3. “Filhos, em tudo obedeci a vossos pais, pois fazê-lo é grato diante do Senhor” – Cl 3.20.

Reconhecemos que tem havido, mesmo nas famílias cristãs, negligência

na responsabilidade de educar e disciplinar os filhos. A Palavra de Deus nos dá orientações claras e objetivas quanto ao cumprimento destas responsabilidades. As ciências humanas e sociais nos oferecem meios auxiliares que nos ajudam na educação de nossos filhos. Todavia, nem sempre temos observado as orientações bíblicas e, na maioria das vezes, temos desconhecido os meios auxiliares que as ciências humanas e sociais nos fornecem, de tal modo que nos ajudem a conhecer e compreender a situação e necessidades de nossos filhos e nos capacitem com recursos objetivos para que possamos cumprir, de forma adequada, as nossas responsabilidades.

Por outro lado, temos que reconhecer que os filhos, também têm deixado de lado as orientações bíblicas que norteiam o seu relacionamento com os pais e demais membros da família, não chegando a sua experiência de fé e vida cristã, a influir e determinar o seu comportamento na família. Tem havido, muitas vezes, uma separação entre os conceitos e as experiências religiosas, a vida na Igreja e a vivência no lar, levando-as a viver um relacionamento familiar sem a presença dos princípios cristãos.

Se aos filhos cabe a responsabilidade de acatar e respeitar a autoridade dos pais, aos pais cabe a responsabilidade de, ao desenvolver tal autoridade, exercê-la com amor e sabedoria, respeitando a individualidade e a liberdade dos filhos, reconhecendo a sua realidade, suas necessidades e interesses, não provocando neles a “ira” – Ef 6.3 – e nem os “irritando” e “desanimando” – Cl 3.21. Os pais não podem impor aos filhos exigências descabidas, acima de suas possibilidades, que expressam mais os reflexos de seus anseios egoístas, do seu amor próprio ou de suas frustrações. A obediência, em tudo, é grata a Deus, mas depende muito da maneira como os pais expressam a sua autoridade sobre os filhos.

O princípio bíblico para o relacionamento familiar

O princípio bíblico para o relacionamento familiar, tanto do ponto de vista da *motivação* como do *comportamento* interpessoal e inter-relacional é:

“Tudo quanto fizerdes, fazei-o de coração, como para o Senhor e não para os homens” – Cl 3.23.

Este versículo surge depois de uma análise do relacionamento daquele que crê com o Senhor, e com os outros. Segundo Cl 3.12 e versos seguintes, a vivência familiar há de ter sempre presente, visando à interação e integração de seus membros, o seguinte:

- Um revestimento de amor, misericórdia, bondade, humildade, mansidão e longanimidade.
- Um espírito de suportar-se um ao outro e de ser suporte (apoio) um do outro.
- A continuidade de um espírito de perdão.
- A presença, acima de tudo, de um amor humano, típico do amor divino, dadivoso, desinteressado, perdoador e sacrificial, não centralizado em si, mas no outro e em Cristo.
- Ser um centro reconciliador, perdoador e doador da paz, tendo a Cristo como árbitro da família.
- O habitar ricamente de Cristo na família, de sua Palavra e presença como autoridade, guia e princípio.
- Ser um centro de contínuo louvor, adoração e crescimento no conhecimento e na compreensão da Palavra.

- Ter Cristo como o norteador dos pensamentos, das motivações e das ações.

- Aceitação das responsabilidades e das circunstâncias da vida familiar como uma expressão de gratidão a Deus.

Diante das realidades e dificuldades da vida familiar devemos ter um espírito que não fuja dessas realidades, mas que as analise e as enfrente objetivamente, tendo como base o princípio – “segundo a verdade em amor, crescamos em tudo, naquele que é o cabeça, Cristo” – Ef 4.15. Um crescimento em todas as dimensões, a partir da realidade, da necessidade, do interesse e da capacidade de cada um. O Senhor é quem nos capacita a “crescermos e aumentarmos no amor de uns para com os outros” – I Ts 3.12. O crescimento de cada um e de todos, em Cristo, levar-nos-á a um crescimento na comunhão e na vivência de uns para com os outros.

Todos, na família, devemos buscar ter o “mesmo sentir” que houve em Jesus Cristo, para que em humildade, amor, solidariedade, dádiva, apoio e serviço, possamos servir uns aos outros – Fp 2.5-7.

Não podemos negar as dificuldades atuais que a família enfrenta. Temos que as analisar e as encarar com seriedade e sabedoria. Todavia, podemos estar certos de que, no Senhor, o nosso trabalho não é vão.

QUANDO...

- permitirmos a Cristo ser o Salvador e Senhor de nossas vidas e família;
- permitirmos a Cristo ser alguém vivo e presente em nossa vivência pessoal e familiar;
- permitirmos a Deus, pela Sua Presença e Palavra, assumir a autoridade em nossa família;
- edificarmos a nossa família no Senhor e em seus princípios;

● esvaziarmo-nos de nós mesmos, do nosso egoísmo, amor próprio, egocentrismo, orgulho e dermos a Deus a liberdade de nos encher do Seu Espírito e Nele andar...

Saberemos que estamos edificando a família sobre a Rocha. As chuvas virão, os ventos também, e muito mais as enchentes...mas ela *permanecerá* porque está edificada em Cristo.

A família - um centro de evangelização, adoração, educação, lazer, apoio e serviço

Paulo nos afirma em Romanos 14.7-8 que “ninguém vive para si mesmo...Quer vivamos ou morramos, somos do Senhor”.

A família não “vive para si mesma”, sua vivência e responsabilidades devem ir para além de si, alcançando outras pessoas, famílias e comunidades.

Visando desenvolver a sua vivência e cumprir o seu objetivo a família torna-se um centro de amor, comunhão, formação, apoio, lazer e serviço. Como parte do Plano divino, é a família, acima de tudo, um centro de “evangelização”.

Sendo um centro e não vivendo para si mesma, a família cumpre a sua missão cuidando tanto de seus membros, como sendo um instrumento de serviço para a comunidade.

Conhecendo as necessidades e os interesses dos seus membros; respeitando a realidade e as características de cada um; desenvolvendo uma qualidade de amor, típica do amor divino; compreendendo e suprimindo as debilidades e fraquezas de cada um...torna-se a família um *centro de apoio* para si mesma e para a comunidade.

Criando momentos de comunhão e diálogo; estabelecendo-se prioridades para momentos em comum, onde a vivência, as atividades comuns, os passeios, a recreação, enfim, o lazer, tem lugar, a família estabelece o clima e as condições para uma vivência mais plena.

Preocupando-se com a pessoa em sua realidade, interesses e necessidades; procurando vê-la como alguém “impar”; interessando-se em criar condições de desenvolvimento e crescimento integrais; cooperando para a construção e reconstrução de mentalidade, atitudes, apreciações, afeto e comportamento, está o lar desenvolvendo uma *finalidade educadora*, não restrita apenas a atividades específicas, mas fazendo da vida uma experiência educativa.

Criando condições de comunhão e atitudes de louvor e adoração; lendo e meditando a Palavra de Deus juntos e individualmente; desenvolvendo um contínuo espírito de adoração e louvor; expressando através dos sentimentos e da vivência os princípios básicos da fé cristã pessoal e comunitária, estará o lar sendo um centro de adoração.

Saindo de si mesma e se abrindo para a comunidade; procurando, cada um, entender e viver no seu relacionamento com o outro a partir de interesses de comunhão, amor e solidariedade; expressando através de si preocupação e atitudes para com outras pessoas, famílias e comunidades, a família se torna um *Centro de Serviço*.

Estas são algumas das características da família como uma entidade não fechada em si mesma, mas aberta para Deus e para o próximo.

Cumprir destacar aqui a responsabilidade da família cristã como um Centro de Testemunho e de fé – *Centro de Evangelização*.

Como um Centro de Evangelização ela assume responsabilidades para consigo mesma e com outras famílias e a comunidade.

Destacamos dentre estas, as seguintes:

a. Responsabilidade evangelizante para consigo mesmo. Isto inclui a vivência da fé, a presença dos princípios divinos na vida familiar e o testemunho objetivo da fé às novas gerações (filhos) e aos membros não cristãos da família. A responsabilidade da comunicação da fé aos não crentes e às novas gerações é uma constante preocupação no Antigo Testamento e no Novo Testamento – Salmo 78.1-8.

b. Expressão da fé através do testemunho e do serviço prestados às pessoas, família e comunidade onde vive-

mos. Esta é uma forma vivencial de testemunhar a fé, principalmente quando ela se expressa através do amor e da coerência do nosso viver.

c. Grupo de apoio aos carentes, necessitados e àqueles que vivem em crise num mundo onde o relacionamento entre as pessoas é predominantemente impessoal, com ausência de comunhão e de amor, a família é desafiada a se tornar um centro de amor e apoio.

d. Testemunho específico evangelizante a outras pessoas e famílias. Através da oração, da visitação, da expressão verbal da fé e dos contatos com os não crentes de forma pessoal e comunitária, a família cumpre a sua responsabilidade de anunciar o Evangelho.

III - Sexualidade e Matrimônio

Amor, sexo e casamento são componentes inseparáveis da unidade familiar. Uma união genuína se processa no amor, como expressão de desejo, fraternidade, familiaridade, sacrifício e dádiva. O sexo é uma expressão e complementação do amor. A união em *uma só carne* é resultado de uma relação em consentimento mútuo, fundamentada no amor responsável e criativo.

O sexo no casamento, não é algo acidental, mas sim essencial. Ele é parte da criação divina: é dádiva de Deus, dom divino e também faz parte daquilo que Deus criou como *bom*.

O significado do sexo não pode ser adequadamente discernido quando visto apenas como mero instrumento de prazer e realização individual. Se no centro do relacionamento sexual estiver somente a vontade humana, no seu egocentrismo, ele se corrompe.

O sexo deve ser aceito com gratidão e responsabilidade, pois ele pertence à existência normal do homem e da mulher e se baseia na vontade do seu Criador. É parte do todo que é o ser humano e sua realização visa a complementação e expressão daquilo que é a pessoa em sua totalidade e não meramente, uma expressão isolada de si. O sexo reflete o todo do ser humano em sua totalidade bio-psico-social-moral e espiritual, indo muito mais além do que uma expressão biológica e busca de prazer.

A verdadeira dignidade do homem e da mulher consiste em manter relações pessoais e interpessoais com Deus e com o próximo, na totalidade do seu ser. O sexo como parte dessa totalidade, também se encontra no âmbito das relações pessoais e interpessoais.

No relacionamento sexual estamos tratando com pessoas e não com coisas. A pessoa com quem nos relacionamos, não é um objeto de prazer, mas um alvo de nosso afeto. Buscamos o relacionamento sexual e o expressamos como parte de nós mesmos e como realização de nossa comunhão com o outro ser, numa esfera de amor, companheirismo e responsabilidade.

O relacionamento sexual, do ponto de vista bíblico, não se baseia e justifica, apenas no objetivo da procriação. A procriação é parte essencial do sexo, mas não é a sua base única. O significado da sexualidade humana é revelado no contexto da comunhão, do encontro, da correspondência e da complementação entre duas pessoas. É um encontro de amor, num ato de vontade, que envolve o relacionamento de todo nosso ser – bio-psico-social-moral e espiritual. Na sexualidade os dois tornam-se *uma só carne* – uma unidade total e não meramente física e nem apenas objetivamente procriadora.

A má compreensão, os tabus, os preconceitos e os desajustes do sexo têm

contribuído para infelicitar as pessoas, minar os seus valores morais e destruir a comunhão e a unidade da família.

Visando analisar os vínculos da vida familiar e buscar a manutenção de sua unidade, não podemos desprezar ou minimizar o enfoque do sexo como algo básico para a existência humana e a vivência da família.

Cabe à Igreja agir de forma educa-

dora, formativa, diagnosticadora e terapêutica para que, no ajustamento sexual do casal, possa a família encontrar meios de melhor expressar a sua unidade.

Reconhecemos que a falta de um relacionamento sexual no casal amadurecido, compensador e responsável tem sido uma das causas de desajustamento familiar.

IV - A Igreja no Ministério da Unidade Familiar

Visando ao desenvolvimento do ministério cristão junto à família, a Igreja, através de seus organismos e comunidades, necessita tomar providências, estabelecendo prioridades e definindo procedimentos objetivos.

Propomos aqui alguns dos objetivos a serem alcançados:

1. Desenvolvimento de um ministério que proporcione educação, apoio e ajuda à família.

A Igreja tem desenvolvido um ministério cujo centro é a pessoa. Cabe, agora, à Igreja desenvolver um ministério que tenha como centro a comunidade, notadamente a comunidade familiar.

Diante das dificuldades que a família enfrenta, hoje em dia, a Igreja necessita realizar um ministério mais específico em seu meio. Um ministério que seja informativo e formativo; de acompanhamento, apoio e ação terapêutica; de educação e formação religiosa.

Além disto, a Igreja, em seu ministério, carece despertar novamente a família capacitando-a a tornar-se um centro de adoração, educação e vivência cristãs.

2. Formação de um ministério pastoral que esteja apto a acompanhar a família na sua realidade e em seus dramas.

O ministério pastoral carece ser capacitado para atender situação pes-

soal e familiar de membros da Igreja, acompanhando-os em sua situação real, ao mesmo tempo em que capacita membros e grupos da comunidade a exercer um ministério de apoio à família. Para isso os pastores devem ser pessoas capacitadas a desenvolver um ministério de apoio e aconselhamento às pessoas e famílias. Este aspecto do ministério pastoral é fundamental nos dias de hoje.

A Faculdade de Teologia, os Seminários, os Institutos e as diversas instituições da Igreja deverão incluir em seus currículos, disciplinas específicas visando proporcionar esta formação e criando, também, cursos especiais de formação para o laicato.

Cursos e Seminários especiais deverão ser realizados visando aperfeiçoar e atualizar o ministério ativo da Igreja.

3. Publicação de materiais, apostilas, livros, material visual e tudo o mais que possibilite à família meios para o cumprimento de sua vocação cristã.

Temos que reconhecer a carência de publicações que venham ao encontro das necessidades e realidades da família.

4. Desenvolvimento de um programa de preparação responsável para o matrimônio. Essa preparação deve atingir todos os aspectos da vida matrimonial.

A preparação aqui referida não deve

ser vista e nem entendida apenas como algo a ser feito em período imediatamente anterior ao casamento. Ela deve incluir:

a. A vivência interna da família, onde um ambiente genuinamente cristão deve existir visando à formação de valores, atitudes, apreciações, hábitos, mentalidade e comportamentos, de forma contínua. A formação do caráter e da personalidade se efetua, de maneira mais evidente, no período de formação das crianças e dos jovens, sendo o lar o local de maior influência nesta formação.

b. A formação educativa cristã das crianças e dos jovens no seio da igreja local. A Igreja deve estimular, desenvolver e acompanhar a formação de uma mentalidade cristã e sua correspondente vivência, cujo objetivo é a de capacitar a pessoa a viver, de forma amadurecida, o seu relacionamento no seio da família. As crianças, os jovens, bem como os demais grupos da Igreja, desenvolverão através da Igreja os valores éticos, morais, sociais e religiosos que fundamentam a compreensão da sexualidade e a vivência do casamento e da vida familiar.

c. A formação específica visando ao preparo dos noivos para o casamento, num período mínimo de dois meses. Esta preparação pode ser realizada, tanto pela igreja local, como nos Distritos Eclesiásticos ou em agrupamento de igrejas, orientando os casais individualmente ou em grupos.

Esta preparação deve abordar todos os aspectos do matrimônio: pessoais, interpessoais, comunitários e sociais. Os temas poderão ser variados, analisando principalmente os aspectos bíblicos e teológicos, psicológicos, biológicos, éticos, econômicos e sociais do casamento. Estes cursos possibilitarão, também uma colocação evangelizante, confrontando os noivos com o Evangelho do Senhor Jesus, como objetivo e desafio para um viver, segundo a vontade de Deus.

A Igreja, através de seus órgãos, tem a responsabilidade de preparar materiais escritos, visuais e outros, procurando equipar pastores, leigos, organizações e igrejas locais, com os meios necessários à realização do curso.

Leigos ligados às áreas de preparação, tais como: médicos, psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, economistas e outros, poderão ser mobilizados para ajudar os pastores na programação e desenvolvimento do curso.

5. Acompanhamento familiar e desenvolvimento de núcleo de apoio familiar.

A Igreja local, através de seus membros, dos grupos de casais ou outros e do pastor, desenvolverá um ministério de acompanhamento e apoio aos casais, principalmente aos novos e aos desajustados.

Classes de casais deverão ser criadas na Escola Dominical. Encontros locais, distritais e regionais objetivando o agrupamento de casais, deverão ser desenvolvidos periodicamente, com a participação dos grupos societários. O objetivo seria de guiar o casal a uma comunhão mais pessoal com Cristo, a analisar a vivência familiar, a capacitá-lo a viver mais plenamente a vida cristã na família e na comunidade e a dar-lhe condições de entender e superar suas crises e obstáculos.

Acampamentos de casais e suas famílias são importantes para o desenvolvimento deste acompanhamento familiar.

6. Apoio ao pastor e sua família.

O pastor com a sua família, vive as mesmas tensões que afetam as demais famílias. É importante que se estabeleça um programa de apoio ao pastor e seus familiares, tanto no ponto de vista individual de seus membros, como do ponto de vista das relações entre os membros da família e seu relacionamento com a comunidade.

Os pastores e seus familiares carecem de ter quem os ouça, quem os possa ajudar e apoiar em suas crises, quem possa receber suas confidências, os gritos de seus clamores e apelos, num clima de plena confiança.

Cada Região deverá criar um serviço de apoio pessoal e familiar, visando dar sustentação à família do pastor.

7. Serviço de atendimento interpessoal.

Criação nas Regiões, em Distritos e igrejas locais, de um serviço de atendimento pessoal e interpessoal, cujo objetivo é assistir às pessoas nas horas de crises. Pastores e leigos poderão ser treinados visando à montagem desse serviço.

V - A Família em Crise e a Igreja

Temos apresentado, nesta Pastoral, um posicionamento a favor da unidade da família. Consideramos a família como uma instituição divina e que nessa condição, do ponto de vista do propósito de Deus, ela é indissolúvel. Afirmamos que o propósito divino para a família é a sua unidade e a sua estabilidade, unidade esta que não pode ficar à mercê de caprichos humanos. O casamento, tanto para o casal, bem como para os filhos e para a sociedade, torna-se algo de suprema importância e significado e a sua unidade é fundamental para todos – pessoas e sociedade.

Quando Deus estabeleceu as ordens da criação, e dentre estas, a família, havia um propósito definido que possibilitava ao ser humano, em relação ao seu criador e ao seu próximo, uma vivência em unidade, comunhão, compartilhar, amor e serviço. Todavia, com a presença do pecado na vida humana, todas as ordens da criação foram afetadas, inclusive a família.

Se fora da realidade do pecado, o propósito divino para a família era a sua unidade e a sua indissolubilidade, como porém enfrentar a situação familiar diante de tal realidade? Esta é a nossa angústia e desafio.

“Toda a criação geme e suporta angústias até agora...A criação...os filhos de Deus...aguardam a sua plena redenção e a revelação final dos filhos de Deus” – Rm 8.19-22.

Sim, gememos e suportamos angústias devido ao pecado. Paulo nos diz que “o salário do pecado é a morte e que o dom gratuito de Deus é a vida eterna” – O pecado destruiu a harmonia divina na natureza e na vida humana, limitando o cumprimento dos propósitos divinos em Sua criação. “O salário do pecado é sempre gerador de morte – das pessoas e das instituições – morte lenta e gradativa, mas também, instantânea”.

É devido ao pecado que a relação de comunhão entre o homem e a mulher ficou comprometida, estabelecendo-se uma relação de dominação entre ambos, origem das crises enfrentadas pela família no decorrer dos tempos.

O casamento, a família, as instituições e todos os relacionamentos humanos – enfim – toda a criação – foram afetadas pelo pecado, surgindo em seus meios discriminações, barreiras pessoais e sociais, injustiças, quebras de relacionamentos, tendências ao egocentrismo e amor próprio, rebeldia contra Deus e sua vontade e uma série de outras conseqüências, vindo todas elas a afetar diretamente a vida humana e a própria natureza.

Felizmente, no meio desse contexto trágico, existe o dom gratuito de Deus – Jesus Cristo – que possibilita a redenção da vida, a reconciliação e o início do processo da vida eterna, aqui, agora e para todo o sempre.

Diante do pecado e suas conseqüências as respostas humanas são limitadas

e frágeis, insuficientes para proporcionar redenção ao ser humano e suas instituições. Cristo trouxe ao mundo a resposta divina visando à reconciliação e redenção do homem e suas instituições: perdão, restauração, reconciliação, redenção e nova vida representam o resultado da atuação da Graça divina, em Cristo, através do Espírito, na vida da pessoa e da sociedade.

Para enfrentar o pecado, Deus usou o princípio da Graça e não da Lei. “Pela Graça sois salvos...” – Ef 2.8. Na Lei somos condenados, desumanizados, traumatizados, aniquilados...pois diante dela “não há um justo sequer” e nem alguém que viva a plenitude de vida, pois diante dela sempre estamos presos a alguma coisa e sempre nos sentimos culpados.

É diante deste contexto de pecado, de limitação humana, de quebra de princípios divinos que surgem anomalias pessoais e sociais. A crise da família passa a ter lugar na vida social devido ao pecado e à dureza de coração. O desquite, o divórcio e outros procedimentos que visam numa situação de crise, atender, regulamentar e estabelecer novas condições à vida, terão sempre de ser reconhecidos como contingências do pecado e assim sendo, respostas precárias transitórias e superficiais aos males que afrontam a família.

A família luta com grandes dificuldades: tensões psicológicas, falta de interação, problemas econômicos e sociais, carências afetivas, enfraquecimento dos valores éticos e morais, pressões sociais locais, nacionais e internacionais, ausências de princípios religiosos e espirituais e toda a gama de problemas de cunho pessoal e social. Como resultado de tudo isto vemos o aumento de lares desajustados, de separações de casais, de crianças abandonadas e carentes, de delinquência juvenil e de relaxamento de costumes e valores religiosos.

À luz dos propósitos divinos para a

família somos confrontados com a realidade humana. Como princípio de atuação, a fé cristã visando a ação salvadora do Evangelho na transformação das pessoas e instituições, não se deve esquecer de “partir” da situação em que está o homem e a sociedade e não da situação “ideal” inadequada e inatingível para uma sociedade em crise. É partindo da situação real, da necessidade humana e social, que através da Graça de Deus, atuaremos no sentido da transformação das pessoas e instituições.

Para Cristo ser o Salvador, Ele teve que se “encarnar” na realidade humana, assumindo as nossas dores, passando pelos nossos momentos de crise, tendo conosco uma identificação total – Jo 1.14. Ele é Salvador porque se tornou Senhor de todas as circunstâncias e situações humanas, podendo receber de nós a confiança e busca – Hb 4.14-16.

Ao olharmos para a situação atual da vida humana, analisando à luz dos propósitos e da vontade de Deus para o homem e a sociedade vemos uma série imensa de fatos e situações que contrariam aos objetivos divinos. Ninguém, em sã consciência, poderia afirmar que as condições humanas, mentais, emocionais, psicológicas, sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas, refletem a vontade de Deus para o homem e seu meio ambiente. Apesar de todos os esforços humanos, de toda a ciência e tecnologia, de toda cultura e poder econômico, de toda ideologia e política, vivemos num mundo carente de recursos, de valores éticos, morais e espirituais. O “salário do pecado” continua presente em todas as áreas do viver, reclamando uma ação salvadora da Graça de Deus, pois o pecado não tem apenas dimensão individual, mas profundamente social. Homens e mulheres tornam-se, muitas vezes, vítimas desta situação social.

Analisando o casamento à luz dessa realidade, afirmamos que, do ponto de vista divino ele é indissolúvel, todavia,

este ideal divino deve ser buscado e alcançado no meio das realidades humanas e sociais, tais como elas são.

Reconhecemos que nem todas as pessoas estão aptas a viverem de acordo com certos padrões e ideais, pressionadas por diversas circunstâncias, tornando-se incapazes de as superar, prejudicando assim, a sua visão de vida e os valores ideais que deveriam ser buscados para si.

A Igreja, com o auxílio da Graça divina, em sua ação salvadora através de Cristo, deve compreender as pessoas em sua situação concreta e particular e ajudá-las a superar as suas fragilidades, capacitando-as a viver segundo as suas realidades. Paulo nos diz: "Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo" – Gl 6.2.

A preocupação ética e moral da Igreja não deve impedir o exercício do amor. O pecado contra a pureza moral não justifica o pecado da falta de perdão e de amor. A preocupação pela pureza da vida cristã e da Igreja, não deve nos levar a cair num legalismo hipócrita. "Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra", disse Jesus. Cristo nos ensinou tantos os mais elevados ideais de vida como, também, uma compaixão incomensurável para com aqueles que sofrem a sua incapacidade de atingir os Seus ideais.

A posição cristã da Igreja deve ser a de busca, estímulo, capacitação e apoio para se atingir o propósito cristão de unidade e indissolubilidade do casamento. Todavia, ela deve também ser portadora da compreensão, do perdão e da reconciliação para com aqueles que não vivem de acordo com esse ideal.

Muitas discussões e posições têm sido tomadas com relação ao divórcio, principalmente depois de sua implantação no Brasil. A Igreja Metodista não poderia deixar de emitir o seu pensamento e definir o seu posiciona-

mento. Temos nos pronunciado, no decorrer dos anos, contra as soluções inadequadas, relativas aos casais que enfrentam crises conjugais ou que já vivem separados. Em seu Credo Social, a Igreja tem-se pronunciado contra a solução inadequada do desquite. Reconhece que, tanto o desquite, como o divórcio ou as uniões ilícitas, produzem sérios males para a vida familiar, atingindo principalmente os filhos. Mas, diante de todas as soluções preconizadas para resolver a situação do casal separado, a Igreja se manifesta favoravelmente à implantação do divórcio, como o corretivo mais adequado, dentre todos os usados.

A Igreja Metodista não é a favor do divórcio. Ela é a favor da unidade da família e da indissolubilidade do matrimônio. Contudo, diante das anomalias familiares, dentre todos os recursos inadequados, considera o divórcio, como o que, dentre todos os outros recursos, produz menos males ao casal e aos filhos, dando-lhes melhores condições jurídicas.

O divórcio é um mal e é sempre trágico. Todavia, é um mal menor, diante de outros males maiores, tais como o desquite, uniões ilícitas, falsas uniões, concubinatos, etc.

O bom, é o casamento, a estabilidade da família. Todavia, quando este "bom" foge às duas pessoas, resta-nos o "mal menor". Para nós, dentre tantos outros recursos, o divórcio é o mal menor, que de certa forma torna-se um bem para quem o busca, após todos os esforços e tentativas de manutenção da vida matrimonial.

O Credo Social, considerando o desquite inadequado aos casais separados, afirma que: "O Evangelho concede à Igreja recursos de natureza ética para acolher em seu seio casais constituídos com ou sem o amparo da legislação vigente. A Igreja reconhece a urgente necessidade de uma legislação civil que, respeitada a ética cristã, solucione o problema dos lares desfeitos mediante novo casamento".

Em 1977 o Brasil passou a adotar o divórcio em sua Lei Civil. Após muita discussão a lei foi aprovada, concedendo a possibilidade de divórcio a pessoas que tenham a separação judicial, ocorrida por mais de três anos e àquelas que, de fato, estejam separadas há mais de cinco anos, tendo esta separação se dado antes de 28.6.1977. Em todos os casos o divórcio poderá ocorrer, apenas uma vez.

As pessoas poderão se divorciar por mútuo consentimento, por sanção contra o outro cônjuge, por falência declarada do vínculo matrimonial e por motivos de grave doença mental. Todos esses motivos estão regulamentados pela Lei.

Diante desta nova legislação e daquilo que a Igreja preconizou no passado, que posição deveremos tomar hoje?

A posição da Igreja quanto ao casamento e à família já ficou claramente estabelecida. Cremos que tudo deve ser feito no sentido de se aprimorar as relações pessoais e interpessoais no casamento, concedendo ao casal e sua família, condições para vencerem suas crises, terem o suporte espiritual, ético e moral para a vivência em comum. A Igreja deve atuar através de um ministério de apoio e de ação preventiva, terapêutica e educativa, incluindo aqui a vivência do lar, o preparo dos jovens para o casamento, o acompanhamento aos casais e suas famílias e um melhor preparo do ministério pastoral e de leigos, no sentido de estarem capacitados a desenvolverem este ministério na área da família. Além disso cabe à Igreja, uma ação mais dinâmica contra todas as situações de vida pessoais e sociais, que contribuem para minar a unidade e a estabilidade da família, incluindo aqui a dinâmica de evangelização destinadas às pessoas e suas famílias.

A preocupação maior que aflige a Igreja não é a da posição com relação

ao casamento, mas sim, a sua preocupação com aqueles, que por diversos motivos, não conseguem atingir o ideal divino para a vida familiar, e que agora, frustrados, desequilibrados, em estado de depressão, e até doentios, buscam uma reconciliação consigo, Com Deus e com a Sociedade, e uma nova oportunidade de vida conjugal.

Bastará aqui a Igreja cumprir o seu papel de "guarda da moral", de julgadora e condenadora? Ou terá a Igreja, através de seus membros e de sua Instituição, uma tarefa a cumprir de perdão, reconciliação, apoio e renovação?

Para Jesus, dar condição de recuperação à mulher prostituta, Ele teve que perdoá-la, esquecer o seu passado e dar-lhe nova oportunidade. Somente assim poderia dizer: "Vai e não peques mais". O mesmo aconteceu com a mulher samaritana e com outras tantas pessoas desqualificadas diante da lei religiosa e social dos judeus. Foi o perdão que possibilitou a essas pessoas uma nova oportunidade e o alcance de uma nova vida através da Graça e não da Lei.

Perdão, Misericórdia, reconciliação, apoio humano, estímulo para a busca do bem, espírito de amor e serviço, sacrifício em favor dos fracos e frágeis é o que encontramos em Cristo. Sua atitude sempre esteve acima do legalismo da religião judaica.

Mesmo sendo claro na maneira como via o casamento, colocando diante do povo o propósito de Deus – "O que Deus uniu não separe o homem" – Mt 19.6, não deixou Ele de ter compaixão, misericórdia e perdão para com as pessoas que se encontravam aquém deste ideal divino. A mulher Samaritana encontrava-se desqualificada diante da Lei e de sua interpretação, mas mesmo assim Ele lhe concedeu o poder da reconciliação, da nova vida e da recuperação.

Ao pronunciar o Seu veredito a respeito do casamento, Jesus estava preo-

cupado em revelar a vontade de Deus para a vida familiar. A sua preocupação não era a de formular código de Lei. Ele mesmo afirmou que Moisés consentiu o divórcio devido à dureza de coração. “Dureza de coração” é um aspecto do pecado. O pecado impede e limita o homem de alcançar o propósito de Deus para a vida. Devido a isto, Israel possibilitou, em alguns casos, o divórcio. A preocupação de Jesus foi a de colocar diante dos discípulos, o propósito divino para o casamento. Todavia, àqueles que não atingiram o ideal da Lei, Ele veio lhes conceder o perdão pela Graça e a possibilidade de uma nova vida, através do perdão e da reconciliação.

A Igreja, à semelhança de Jesus, deve possuir uma visão e uma atitude clara e definida quanto ao casamento e proporcionar aos seus membros condições de alcançarem o propósito de Deus para suas vidas.

Seguindo o padrão do Seu Senhor, entretanto, deve a Igreja estar possuída do “mesmo sentimento que houve em Cristo” – Fp 2.5. Um sentimento, atitude e modo de ser de compreensão, tolerância, perdão, nova oportunidade e transformação. Jesus acatou as pessoas mais desqualificadas da sociedade. Nem todas elas puderam reparar os seus males, todavia, puderam, através da Sua compreensão, apoio, perdão, reconciliação e Graça, iniciar uma nova vida.

Essa atitude, também deve ser seguida pelos cristãos e pela Igreja. Isso não significa deixar de lado o ideal cristão. Ao contrário, tudo fazer para levar os seus membros e as pessoas a atingi-los. Mas, para com aqueles que não conseguiram por diversos motivos atingir esse ideal, a Igreja deve ter uma atitude de compreensão, perdão e reconciliação.

Isto significa:

- Receber em seu seio, pessoas que tenham se reconciliado com Deus, através de Cristo, mesmo que seu estado matrimonial não seja o ideal.

- Assistir, dando-lhes apoio, terapia de ajuda e perdão, aos casais com problemas de relacionamento, visando capacitá-los a viver, segundo o propósito de Deus, para com a família. Um ministério de apoio familiar é importantíssimo para a vida e missão da Igreja.

- Ter compaixão e misericórdia, ao invés de espírito legalista, crítico e de julgamento, para com aqueles que, por diversos motivos, não conseguiram atingir ou desenvolver o ideal cristão para suas famílias. Uma atitude de profunda compreensão e perdão é importante para a reconciliação da pessoa com Deus, consigo, com o próximo e com a sociedade.

- Ser sensível à situação peculiar dos casais separados, principalmente para com aqueles que vivendo só, ainda aspiram uma nova oportunidade de casamento. Ajudar estas pessoas em sua vivência solitária e compreendê-las, caso não consigam permanecer nesse estado.

- Ministrando ao membro da Igreja e seus familiares os meios da Graça e bênção, necessários para sinalizar o início de uma nova união. Respeitando a legislação atual, a Igreja, no espírito de amor, perdão e reconciliação, após o preparo adequado e devida advertência evangélica, concederá o seu apoio aos membros da igreja, que reconhecidos de sua situação humana, aspiram uma nova vida familiar.

- Regulamentar a realização de cerimônias de casamento de divorciados.

VI - Normativas para a Celebração do Rito do Matrimônio

A cerimônia religiosa do casamento se constitui num ato de fé e de relacionamento pessoal dos nubentes com Deus. Significa o reconhecimento de que Deus os está unindo e de que a presença de Cristo, com sua bênção, é fundamental para a vida do casal e do lar. Estamos conscientes de que “Se o Senhor não Edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” – Sl 127.1.

O que dá legitimidade jurídica ao casamento é o ato civil, pois o matrimônio se insere no âmbito das ordens da criação. Para a sua realização não é necessário o dom da fé, casando-se o crente e o não crente. O ato religioso é uma expressão de fé, de disponibilidade em se assumir um compromisso diante de Deus, da Sociedade e dos nubentes entre si.

Reconhece-se o fato de que, não serão as leis jurídicas nem o mero rito religioso que capacitarão moral, psicológica, religiosa e socialmente a vivência matrimonial. Mas, sim, a presença de Cristo na vida do casal, através da fé obediente e da direção constante do Espírito Santo.

Nesse sentido, não entendemos a cerimônia religiosa do casamento como mero formalismo social e nem como aspiração pessoal romântica, quer dos nubentes, quer de suas famílias. Casar-se na Igreja implica responsabilidades mais amplas e o reconhecimento de um vínculo matrimonial com Deus, indo além das respon-

sabilidades individuais e sociais dos nubentes.

O ato religioso do casamento é um ato de fé. Fé centralizada em Cristo; fé em que Deus está unindo, por sua vontade, o casal; fé na dependência e na carência da sustentação divina; fé na disponibilidade do lar para receber a presença de Cristo, tornando-o um centro de adoração, testemunho, evangelização e serviço comunitário.

Ao se preparar os noivos para o casamento, eles devem estar bem conscientes do significado do rito matrimonial e suas implicações. Da mesma forma, a Igreja, através de seus membros, suas organizações e ministério pastoral, deve estar consciente de que a sua responsabilidade perante os noivos não termina no rito do matrimônio, mas sim torna-se contínua, através do cuidado e assistência que deve ela dar ao casal e sua família.

Como norma de orientação para toda a Igreja Metodista, estabelecemos aqui os critérios para a celebração do rito do matrimônio.

1. Os casamentos poderão ser realizados após:

a. O cumprimento da Lei Civil do país.

b. A comprovação, onde houver condição, de exames pré-nupciais feitos por entidades especializadas, hospitais ou médicos.

c. O devido preparo dos noivos feito

pela Igreja.

d. A assinatura de compromissos assumidos pelos noivos, onde eles demonstrem estarem conscientes do significado religioso do casamento e de suas responsabilidades.

2. Os casamentos serão celebrados a:

a. Membros da Igreja Metodista.

b. Noivos, onde pelo menos um seja membro da Igreja Metodista.

c. Noivos, onde pelo menos um seja metodista não professo, ativo numa igreja local, como aluno da Escola Dominical, participante do culto ou arrolado numa de suas organizações.

3. Celebração de casamentos de pessoas divorciadas.

Seguindo os princípios e normativas estabelecidos por esta Pastoral a Igreja Metodista, no espírito de amor, perdão, reconciliação e direito à nova oportunidade de vida, não rejeita aqueles que, desejosos de uma nova oportunidade em busca da vivência familiar, buscam a presença e a bênção de Deus sobre si.

A celebração de casamentos para pessoas divorciadas deverá obedecer o seguinte:

a. Preparo adequado dos nubentes, onde o pensamento da Igreja a respeito da celebração religiosa do matrimônio deve ser expressa e todos os demais aspectos do casamento analisados.

b. Ação pastoral que vise levar a parte divorciada a manifestar sinais de arrependimento e disposição de nova vida em harmonia com a vontade de Deus.

c. Prova de habilitação jurídica para o novo casamento, apresentando a certidão fornecida pelo Registro Civil.

d. Celebração da cerimônia religiosa, conforme o Ritual da Igreja Metodista.

e. Registro da cerimônia religiosa no Livro de Registros de casamentos da Igreja Local.

f. A celebração da cerimônia religiosa de pessoas divorciadas se fará quando, pelo menos, um dos nubentes for membro da Igreja Metodista.

g. Nenhum pastor metodista poderá realizar cerimônia religiosa de casamento de pessoas desquitadas ou em outra condição, a não ser as previstas pela Lei.

VII - Conclusão

Nós, os bispos da Igreja Metodista, após oração, meditação, pesquisa, diálogos e estudos, colocamos perante a Igreja Metodista esta Pastoral destinada à Família.

Reconhecemos a grande amplitude e complexidade do Tema, bem como a grande dimensão da problemática da família nos dias de hoje. Queremos deixar bem claro à Igreja que falamos nesta Pastoral como pastores e somente pastores. O pronunciamento é pastoral e não de especialistas.

Certos da compreensão, do apoio, do amor e das orações dos pastores e leigos da Igreja, lançamos esta Pastoral no espírito de humildade e serviço.

Os temas aqui citados e considerados deverão receber ampla análise e reflexão por parte da Igreja. Esperamos que, através de nossos órgãos de comunicação a Igreja possa analisar e aprofundar os temas aqui abordados e outros que não foram motivos de análise nesta Pastoral.

A situação atual da família requer de todos nós uma busca constante da

Graça de Deus e um intenso esforço de compreensão e ação efetivas na procura de sua unidade.

Estejamos atentos a todas as causas de desagregação no seio da família. Procuremos, através de um trabalho evangelizante, formativo, educativo, amoroso e cheio de misericórdia, realizar uma obra que possibilite a conversão da família a Cristo e a manutenção de sua unidade. Isto somente será possível na submissão consciente e voluntária das pessoas e da Igreja ao Senhorio de Cristo e na disponibilidade de se viver o Evangelho sob a direção do Espírito Santo.

O papel missionário da Igreja, leva-a a denunciar todas as situações injustas, desumanas e degradantes que afetam as pessoas, as famílias e a vida social, ao mesmo tempo em que anuncia e sinaliza a Boa Nova do Evangelho do Reino de Deus.

No espírito de oração em favor de todos vós e de todas as famílias somos os vossos servos,

no amor e na paz de Cristo.

**Os Bispos da Igreja Metodista
agosto de 1979**

*Bispo Sady Machado da Silva
Bispo Nelson Luiz Campos Leite
Bispo Paulo Ayres Mattos
Bispo Moacyr Louzada Machado
Bispo Messias Andrino
Bispo Richard dos Santos Canfield*

OBS:

NOTA DA EDIÇÃO ON LINE DA PASTORAL DA FAMÍLIA.

Antes de publicarmos o texto original da Pastoral da Família, escrita pelos Bispos Metodistas no longínquo ano de 1979, queremos reconhecer que esse texto precisa de uma ampla e urgente revisão, pois além das informações e dados serem desatualizados, a própria análise pastoral do texto bíblico, sobretudo o que aborda a relação de marido e mulher (Capítulo III letra C - Estrutura Familiar na Perspectiva Bíblica) precisa ser revista.

Após o texto da Pastoral, há o texto um texto do Bispo Paulo Lockmann sobre a relação de marido e mulher a partir de Efésios 5:21-22 e um outro sobre o mesmo assunto escrito pelo Pr. Ronan Boechat de Amorim. Há ainda a cópia da capa e da página 724 do livro Novo Testamento Interlinear Grego-Português, publicado em 2004 pela Sociedade Bíblica do Brasil, com o texto de Efésios 5:21-22 tanto no grego quanto no português, confirmando a análise e interpretação feitas pelo Bispo Paulo Lockmann e pelo Pr. Ronan sobre a relação homem e mulher a partir desse texto.

EFÉSIOS 5:21-29 - um padrão bíblico para a vida a dois

Bispo Paulo Lockmann

OBS: Texto extraído das páginas 10 e 11 do caderno "Subsídios para Liderança nº 10 - Estudos Bíblicos sobre a Família", publicado pelo Ministério de Publicações da Igreja Metodista na I Região Eclesiástica

Comecemos com o verso 21 de Efésios 5: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo".

A razão para se iniciar o estudo com o verso 21, é a exigência de dois elementos contidos no texto: o primeiro, é que o texto do capítulo cinco é uma só unidade. Quando Paulo escreveu a carta, não colocou capítulos ou versículos. Isso foi feito pela Igreja, séculos mais tarde. O segundo elemento, é que o verso 22, no texto grego, não tem verbo. Isso mesmo: o texto grego diz literalmente - "as mulheres aos próprios maridos como ao Senhor". Podemos refutar: não dá sentido! Mas é o que está escrito. Então, "as mulheres aos seus próprios maridos", o quê? Serem submissas? É o que se dá a entender o verso 21, pois é lá que se encontra o verbo "sujeitar, submeter", só que o verbo está regendo, orientando, uma outra verdade que relativiza e mostra outro significado de submissão: devemos nos sujeitar uns aos outros, no temor de Cristo, sem distinção de sexo. Diferente do verso 22, pois a submissão no temor de Cristo significa que, do mesmo modo que dizemos: "mulheres, sede submissas aos vossos maridos", poderíamos dizer: "maridos, sede submissos às vossas mulheres como ao Senhor, ou no temor de Cristo".

A questão é: qual o árbitro nesta relação na qual ambos são exortados a serem submissos um ao outro? O árbitro é o amor com que Cristo amou a Igreja, indicação contida no início do capítulo cinco: "Sede, pois, imitadores de Deus como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave".

Fica demonstrado o árbitro e a base da vida em comunidade ou em família, o amor. Mas que amor? Aquele com que Cristo amou a Igreja, dando a sua vida por ela. Aqui está o núcleo histórico-libertador: o Evangelho. Ele é o critério nas relações. É através do Evangelho que se conhece a Jesus Cristo, sua vida humilde de amor, serviço e doação, e que conquista autoridade sobre as nossas vidas.

Só teremos alguma influência sobre a vida de nosso esposo ou esposa, se nossa relação com ele ou ela for baseado no amor; se estivermos sempre dispostos a negarmos a nós mesmos e aos nossos interesses, em favor do outro. Afinal, o outro somos nós mesmos, pois somos um só corpo (Ef 5.28-30).

Assim, nenhum cristão, em sã consciência, pode julgar que a mensagem de Paulo aponte a dominação do homem sobre a mulher, principalmente se considerarmos os versos 21 e 22 do capítulo cinco juntos, ou se tomarmos a mensagem de Paulo em sua totalidade, pois foi ele quem disse: "Portanto não pode haver nem judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28).

Doutrina não é letra fria: pode abençoar ou ferir pessoas.

Pr. Ronan Boechat de Amorim

Doutrinas podem ser coerentes ou incoerentes, fiéis ou infieis à Palavra de Deus. Se forem infieis à Boa Nova de vida abundante trazida pelo Salvador Jesus, elas podem ferir pessoas, complicar relacionamentos e estragar a vida. Pois acabam sendo apresentada como algo dito em nome de Deus, como vontade de Deus, que deve ser obedecido

Há doutrinas que discriminam as mulheres e crianças, como até pouco tempo havia doutrinas que discriminavam os negros, os índios, os portadores de algum tipo de deficiência.

Vamos dar um exemplo bem concreto. Só se fingirmos que Ef 5:21 não existe ou que ele não determina a "sujeição de uns aos outros" é que podemos cair no equívoco de enfatizar apenas a sujeição unilateral da mulher ao marido explicitada em Ef 5:22. E é muito comum nas pregações que "escondem" Ef 5:21, a ênfase não apenas da mulher ao marido, mas das mulheres aos homens. Claro que isso é uma interpretação equivocada e uma pregação distorcida.

Até porque "...somos um só corpo e Cristo e membros uns dos outros" (Rm 12:5) e os membros devem cooperar com igual cuidado, em favor uns dos outros (1Co 12:25). "Considerando cada um os outros como superiores a si mesmo" (Fp 2:3).

Se por um Paulo diminui o papel e a autoridade da mulher, chamando-a "glória do homem", por ter sido criada "após o homem" (cf. 1Co 11:7-9), por outro lado, contraditoriamente, diz que Deus concedeu "muito mais honra àquilo (aos membros do corpo!) que menos tinha" (1Co 12:24) e reconhece que "aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele" (1Co 6:17) e em Jesus não somos diferentes, porque judeus e gregos, escravos e libertos, homens e mulheres e todos nós somos um em Cristo Jesus (At 2:28) . E mais: no Senhor homem e mulher são interdependentes (1Co 11:11-12) e têm direitos iguais (1Co 7:3-5). Relação dominadora e opressiva, portanto, é injustiça e os "injustos não herdarão o reino de Deus" (1Co 6:11).

Com certeza está na Bíblia a ordenança da esposa ao esposo (Ef 5:22), mas está lá também a ordenança da submissão de "uns aos outros", incluindo com certeza a submissão do marido à esposa, das mulheres aos homens, dos homens às mulheres, de uns aos outros. A falta da submissão mútua só pode gerar a maldição da submissão unilateral, visto que a dominação do homem sobre a mulher é fruto da maldição do pecado original (Gn 3:16), e coisa que qualquer estúpido pode fazer. Mas a submissão mútua de um ao outro, é só para quem tem o Espírito Santo de Deus, só no poder de Deus... porque para quem está em Cristo as coisas antigas já passaram e se fazem novas (cf. 1Co 5:16). Diferentemente da compreensão do mundo opressivo e machista, o maior para Jesus e no Reino de Deus não é quem manda, mas o que se faz servo dos demais (Mc 10:45). A relação cristã de marido e mulher tem de ser uma relação de solidariedade e amor, e não uma coisa hierárquica, até porque há um só Senhor (1Co 8:6; Ef 4:5). Aleluia! E isso significa que já fomos libertados por Jesus, e devemos permanecer pois firmes e não nos submetemos a novo jugo de escravidão (Gl 5:1).

Pregar a dominação unilateral de um sobre o outro, além de ferir a mensagem salvadora, libertadora e incluyente do texto sagrado, é criar relações defeituosas, dolorosas, hierárquicas. Doutrinas desse tipo não são só idéias, mas mexem com a vida das pessoas. O que poderia ser uma relação de iguais que se prostram ao pé do Senhor Jesus passa a ser uma relação de poder onde há exaltação de um e aniquilamento de outro, onde um é amado por causa da sua genitália masculina e o outro é desprestigiado por causa da sua genitália feminina. Mas como uma exterioridade e sexualidade criada por Deus pode ser determinante num maior ou num menor amor de Deus por quem as possui? Não foi o próprio Deus que disse em 1Sm 16:7 que Deus não vê como o homem, pois o homem vê a aparência e Deus vê o coração?

Doutrina não são apenas idéias. Doutrinas forjam comportamentos, valores, visão de mundo... pode facilitar a vida enchendo-a da graça de Deus, ou pode complicar e estragar a vida enchendo-a de valores e exigências que não são de Deus.

NOVO TESTAMENTO

Interlinear

PORTUGUÊS

GREGO
PORTUGUÊS

Esposas e maridos

21 Ὑποτασσόμενοι ἀλλήλοις ἐν φόβῳ
 Sujeitando-vos uns aos outros em (o) temor
 Χριστοῦ, 22 αἱ γυναῖκες τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν ὡς
 de Cristo, as esposas aos próprios maridos como
 τῷ κυρίῳ, 23 ὅτι ἄνθρωπος ἐστίν⁶ κεφαλὴ τῆς
 ao Senhor, porque (o) marido é cabeça da
 γυναῖκος ὡς καὶ ὁ Χριστὸς κεφαλὴ τῆς
 esposas como também Cristo (é) cabeça da
 ἐκκλησίας, αὐτὸς σωτὴρ τοῦ σώματος·
 igreja, ele mesmo Salvador do corpo;
 24 ἀλλὰ ὡς ἡ ἐκκλησία ὑποτάσσεται τῷ
 mas como a igreja está sujeita
 Χριστῷ, οὕτως καὶ αἱ γυναῖκες τοῖς ἀνδράσιν
 a Cristo, assim também as esposas aos maridos
 ἐν παντί. 25 Οἱ ἄνδρες, ἀγαπάτε τὰς γυναῖκας,
 em tudo. Os maridos, amai as esposas,
 καθὼς καὶ ὁ Χριστὸς ἠγάπησεν τὴν ἐκκλησίαν
 como também Cristo amou a igreja
 καὶ ἑαυτὸν παρέδωκεν¹² ὑπὲρ αὐτῆς, 26 ἵνα
 e a si mesmo entregou por ela, para que
 αὐτὴν ἀγιασῆ καθαρίσας τῷ λουτρῷ τοῦ
 a ela santificasse purificando(-a) no banho da
 ὕδατος ἐν ῥήματι, 27 ἵνα παραστήσῃ¹⁴ αὐτὸς
 água em (a) palavra, para que apresentasse[2] ele[1]
 ἑαυτῷ ἕνδοξον τὴν ἐκκλησίαν, μὴ ἔχουσαν
 a si mesmo gloriosa a igreja, não tendo
 σπίλον ἢ ῥυτίδα ἢ τι τῶν τοιούτων, ἀλλ' ἵνα
 mancha ou ruga ou algo das tais coisas, mas para que
 ᾦ⁶ ἁγία καὶ ἄμωμος. 28 οὕτως ὀφείλουσιν [καὶ]
 seja santa e sem defeito. Assim devem [também]
 οἱ ἄνδρες ἀγαπᾶν τὰς ἑαυτῶν γυναῖκας ὡς
 os maridos amar as suas próprias esposas como
 τὰ ἑαυτῶν σώματα. ὁ ἀγαπῶν τὴν ἑαυτοῦ
 os seus próprios corpos. O que ama a sua própria
 γυναῖκα ἑαυτὸν ἀγαπᾷ. 29 οὐδεὶς γὰρ ποτε
 esposa a si mesmo ama. ninguém[2] Pois[1] jamais
 τὴν ἑαυτοῦ σάρκα ἐμίσησεν ἀλλὰ ἐκτρέφει καὶ
 a sua própria carne odiou mas alimenta e
 θάλπει αὐτήν, καθὼς καὶ ὁ Χριστὸς τὴν
 cuida (d)ela, como também Cristo a
 ἐκκλησίαν, 30 ὅτι μέλη ἐσμὲν⁶ τοῦ σώματος
 igreja, porque membros[2] somos[1] do corpo
 αὐτοῦ. 31 ἀντὶ τούτου καταλείπει [τὸν]
 dele. Por isso deixará (o) homem [o]
 πατέρα καὶ [τὴν] μητέρα καὶ προσκολληθήσεται⁹
 pai e [a] mãe e se unirá
 πρὸς τὴν γυναῖκα αὐτοῦ, καὶ ἔσονται⁶ οἱ δύο εἰς
 a a mulher dele, e serão os dois em
 (ou: para)

ALMEIDA RA

21 sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.

O lar cristão: marido e mulher 22 As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; 23 porque o marido é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. 24 Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. 25 Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, 26 para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, 27 para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. 28 Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. 29 Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo do seu corpo. 31 Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. 32 Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. 33 Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido.

6 O lar cristão: filhos e pais 1 Filhos, obedeci a vossos pais no Senhor, pois isto é justo.

2 Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa),

3 para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra.

4 E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor.

O lar cristão: servos e senhores 5 Quanto a vós outros, servos, obedeci a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, 6 não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; 7 servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, 8 certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre.

NTLH

Esposas e maridos 21 Sejam obedientes uns aos outros, pelo respeito que têm por Cristo.

22 Esposa, obedeça ao seu marido, como você obedece ao Senhor. 23 Pois o marido tem autoridade sobre a esposa, assim como Cristo tem autoridade sobre a Igreja. E o próprio Cristo é o Salvador da Igreja, que é o seu corpo. 24 Portanto, assim como a Igreja é obediente a Cristo, assim também a esposa deve obedecer em tudo ao seu marido.

25 Marido, ame a sua esposa, assim como Cristo amou a Igreja e deu a sua vida por ela. 26 Ele fez isso para dedicar a Igreja a Deus, lavando-a com água e purificando-a com a sua palavra. 27 E fez isso para também poder trazer para perto de si a Igreja em toda a sua beleza, pura e perfeita, sem manchas, ou rugas, ou qualquer outro defeito. 28 O homem deve amar a sua esposa assim como ama o seu próprio corpo. O homem que ama a sua esposa ama a si mesmo. 29 Porque ninguém odeia o seu próprio corpo. Pelo contrário, cada um alimenta e cuida do seu corpo, como Cristo faz com a Igreja, 30 pois nós somos membros do corpo de Cristo. 31 Como dizem as Escrituras Sagradas: "É por isso que o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir com a sua esposa, e os dois se tornam uma só pessoa." 32 Há uma verdade imensa revelada nessa passagem das Escrituras, e eu entendo que ela está falando a respeito de Cristo e da Igreja. 33 Mas também está falando a respeito de vocês: cada marido deve amar a sua esposa como ama a si mesmo, e cada esposa deve respeitar o seu marido.

6 Filhos e pais 1 Filhos, o dever cristão de vocês é obedecer ao seu pai e à sua mãe, pois isso é certo. 2 Como dizem as Escrituras: "Respeite o seu pai e a sua mãe." E esse é o primeiro mandamento que tem uma promessa, a qual é: 3 "Faça isso a fim de que tudo corra bem para você, e você viva muito tempo na terra."

4 Pais, não tratem os seus filhos de um jeito que faça com que eles fiquem irritados. Pelo contrário, vocês devem criá-los com a disciplina e os ensinamentos cristãos.

Escravos e seus donos 5 Escravos, obedecem com medo e respeito àqueles que são seus donos aqui na terra. E façam isso com sinceridade, como se estivessem servindo a Cristo. 6 Não obedecem aos seus donos só quando eles estiverem vendo vocês, somente para conseguir a aprovação deles. Mas, como escravos de Cristo, façam de todo o coração o que Deus quer. 7 Trabalhem com prazer, como se vocês estivessem trabalhando para o Senhor e não para pessoas. 8 Lembrem que cada pessoa, seja escrava ou livre, será recompensada pelo Senhor de acordo com o que fizer.